

AS DIVERSAS FACES DE UM INTELLECTUAL: A ATUAÇÃO CIENTÍFICA E LITERÁRIA DE AFRÂNIO PEIXOTO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX.

Eucléia Gonçalves Santos

Doutoranda em História- Universidade Federal do Paraná

Os chamados homens de ciência do início do século XX se dispuseram a descrever a realidade brasileira em termos mais realistas. Em contraste com o conhecimento enciclopédico, característico da geração anterior, os intelectuais que presenciaram a entrada do século XX se destacaram por uma necessidade de construir o Brasil Real em detrimento do chamado Brasil Legal. Não à toa, a construção de “retratos”, “instantâneos” e “imagens” sobre a realidade do país tornou-se, nesta época, bastante comum entre os brasileiros, especialmente em relação à sua história, à sua geografia, à sua economia, à sua política e o seu povo. Distintos intelectuais, particularmente aqueles ligados as áreas biológicas, das ciências naturais e da medicina, buscaram cartografar, de acordo com suas especialidades, uma característica da nossa brasilidade.

Esta comunicação preocupa-se com uma das descrições acerca da situação do povo brasileiro elaborada por Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947) para quem essa busca pelo Brasil implicava, antes de tudo, no conhecimento da nossa história, na valorização do nosso território e na descoberta da nossa gente. A tentativa de construir e de disseminar os conhecimentos acerca do país e do povo brasileiro se transformaria no seu principal estímulo intelectual das primeiras décadas do século XX.

Formado em medicina na importante Faculdade de Medicina da Bahia, com treinamento especializado em medicina legal, psiquiatria e higiene, o retrato delineado por Afrânio Peixoto acerca do Brasil se basearia nas suas afinidades desenvolvidas ao longo da construção da sua carreira e por influências definitivas daqueles que considerou seus mestres.

Inicialmente o médico em formação voltou-se para as teorias de Nina Rodrigues, seu professor, e interessou-se pelos aspectos referentes às características raciais do

Brasil e, principalmente as relações entre a mistura de raça e as implicações mentais desse processo¹. Nina Rodrigues acreditava que as três raças fundamentais (negros, índios e brancos) transmitiriam "aos produtos de seus cruzamentos caracteres patológicos diferenciais de valor" (Rodrigues, 1939, p.203), e que a correta diferenciação das raças seria muito importante para a prática médica. Para ele, a inferioridade racial dos negros e indígenas, com relação ao branco, era indiscutível e, ainda, a miscigenação entre raças em diferentes patamares evolutivos resultaria, fatalmente, em indivíduos desequilibrados, degenerados, híbridos do ponto de vista físico, intelectual e nas suas manifestações comportamentais. Pode-se inferir que as primeiras produções de Afrânio se direcionaram na tentativa de elaborar estudos e conhecimentos práticos a respeito da constituição cultural brasileira e suas relações com as especificidades de nossa gente. Foi guiado por esse anseio que Afrânio escreveu e defendeu sua tese de doutoramento intitulada *Epilepsia e Crime (1898)*, tendo sido prefaciada por Raimundo Nina Rodrigues e Juliano Moreira, outro importante médico da época.

Nessa sua primeira incursão no espaço intelectual da época o jovem médico distanciou-se de seu professor apresentando, no que se refere aos crimes e aos criminosos, duas teorias distintas sobre as causas biológicas que explicariam o indivíduo criminoso. Segundo Afrânio Peixoto "há a criminalidade sintomática que refere-se a perversão mental e entidades mórbidas, causando um estado teratológico e a criminalidade essencial que existe por si, como produto normal de algumas individualidades animadas unicamente da grande força de um hipertrofiado egoísmo". Em nenhum momento o médico referiu-se a interferência da mestiçagem para a explicação das práticas criminosas, argumento constantemente reforçado por Nina Rodrigues.

Após a defesa de sua tese, o jovem médico iniciou sua prática nos sertões baianos. No entanto, nessa atividade não logrou êxito e, segundo ele, a clínica não lhe trouxe a satisfação esperada. Alguns meses depois ele recebeu o convite de Nina Rodrigues para prestar concurso para preparador de Medicina Legal. Saiu vitorioso e exerceu o cargo por dois anos. Durante esse período fez algumas viagens até a Capital Federal e decidiu que sua próxima parada era o Rio de Janeiro. Foram estes os caminhos utilizados pelos

biógrafos de Afrânio para recriá-lo: o nascimento nos sertões baianos, a experiência como aluno e professor na Faculdade de Medicina e sua transferência para a corte onde foi consagrado como médico legista, professor de higiene e literato (Maio, 1994, p.75)

Em 1902, por influência ainda de Nina Rodrigues, Afrânio Peixoto foi apresentado ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores José Joaquim Seabra, de quem tornou-se muito próximo. Durante os primeiros anos que esteve no Rio de Janeiro Afrânio Peixoto utilizou de suas relações para firmar-se no campo profissional e angariar espaços nas mais distintas esferas públicas. Dessa forma, em 1903 recebeu o convite de Juliano Moreira para trabalhar no Hospital Nacional de Alienados. Foi na relação de proximidade estabelecida com Juliano Moreira que suas ideias adquiriram singularidades e definiram-se diante dos conhecimentos produzidos tanto pelas correntes nacionais quanto internacionais.

Juliano Moreira era diretor do Hospital Nacional de Alienados e, tal como Nina Rodrigues, opinou sobre a questão da *degeneração* do povo brasileiro: porém, para esse a mestiçagem não era a sua causa e negou com veemência a suposta contribuição negativa do elemento negro. Para ele os causadores da degeneração seriam o alcoolismo, a sífilis, as verminoses, as condições sanitárias e educacionais adversas; o trabalho de higienização mental dos povos, disse ele, não deveria ser afetado por "ridículos preconceitos de cores ou castas (...)" (Moreira, 1922). Outra posição adotada por Juliano Moreira e seguida por Afrânio Peixoto era aquela que negava a existência de doenças mentais ligadas ao clima tropical (Moreira e Peixoto, 1906).

Foi na esteira de Juliano Moreira que Afrânio Peixoto construiu sua distinção intelectual. Entre os anos de 1903 até 1906 sua relação com Moreira era estreita e juntos publicaram artigos, participaram de congressos internacionais, editaram periódicos lançando mão, deliberadamente, de ferramentas políticas que visavam contestar a suposta inferioridade brasileira em virtude da miscigenação ou da sua localização tropical.

Em 1905 participou do concurso para a cadeira de Medicina Pública, que compreendia duas matérias: Higiene e Medicina Legal do qual saiu vencedor. Esse evento marcou, de forma mais efetiva, seus discursos e suas empreitadas no campo intelectual do momento. Investido daquilo que Pierre Bourdieu chamou de capital

simbólico, Afrânio estava ancorado institucionalmente na Cátedra de Higiene e Medicina Legal para construir suas descrições acerca do Brasil.

Os cursos ministrados por Afrânio na disciplina de Higiene tornaram-se, em pouco tempo, muito apreciados entre o meio intelectual do período. Nessa atividade estabeleceu suas singularidades na prática científica, a qual era legitimada por meio das aulas. Suas aulas tornaram-se obras que foram editadas e tiveram significativa circulação entre o corpo médico-científico. Provenientes dos debates das aulas de Higiene vieram os livros *Climas e Doenças do Brasil* (1907), *Elementos de Higiene* (1912), *Noções de Higiene* (1918), *Moinhos de Vento* (1918), *Um século de Saúde Sanitária* (1923). Considerando os debates mais prementes sobre a formação da identidade brasileira ou sobre as definições do território geográfico e do aporte cultural do povo, a higiene se disseminou como a salvação para uma população que, até aquele momento, se via condenada por teorias deterministas que afirmavam ser a miscigenação e o clima tropical fatores de atraso eterno da nação. Para além de uma população condenada pela raça e destinada ao eterno fracasso em virtude do clima, o professor de Higiene elaborou um retrato positivo do território e da população do Brasil enfatizando que o que faltava ao povo não era um lugar melhor, nem uma constituição racial pura, mas única e exclusivamente educação higiênica. Segundo Robert Wegner (2001, p. 108) o ponto fundamental a ser pensado quando o movimento sanitarista deslocou a problemática do atraso nacional da raça para a doença, é que este pode limpar o terreno para a efetivação de um projeto nacional no qual a ação humana ganhava mais espaço. Ou seja, o Brasil não estaria condenado eternamente ao fracasso por suas misturas raciais irreversíveis, mas se inseria numa perspectiva onde educação e investimentos públicos na área da higiene e do sanitarismo construiriam outra realidade.

No discurso de posse de Afrânio Peixoto para a cátedra de Higiene proclamado em 1916, momento concomitante com as expedições científicas de reconhecimento do território e da população brasileira, realizada pelo instituto Osvaldo Cruz, as palavras do catedrático causaram um verdadeiro alvoroço entre o corpo médico.

Eu não comungo da nossa crença e não acredito na Medicina, não tanto por despeito de desajeitado, nem lhe tentei jamais o exercício, mas, e perdoais esta pequenina senão ridícula desforra, mas como vítima que tenho sido dela,

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

da sua incapacidade de tratar os males que não se curam por si mesmos, creio fervorosamente na Higiene, como todos aliás, que puderem ser sinceros. (Discurso pronunciado na Faculdade de Medicina. “Jornal do Comércio, 04/08/1916”. Arquivo Pessoal de Afrânio Peixoto, ABL.)

Os relatórios produzidos pelos cientistas do Instituto Osvaldo Cruz apresentavam um país onde a doença predominava e convocavam os médicos, por meio de suas práticas e conhecimentos, a curar a nação. Afrânio, na contramão desse clamor, fez um longo discurso apresentando seu total ceticismo na prática médica, considerando “os médicos mais doentes que os próprios doentes que tratavam” a partir do momento que confiavam na atividade da medicina como capaz de curar pessoas.

Não há uma só, uma sequer das doenças crônicas que a nossa Medicina tenha sabido curar. As agudas curam-se por si mesmas, se o organismo é socorrido pela própria resistência, que nós não podemos suprir (...) A Higiene, mais modesta e que não tem um século de cultura racional, algumas décadas apenas de estudo especializado, já pode ser chamada a plenário sem vexame. Não conseguimos curar a cólera, a peste, a febre amarela; ela as evitou, ela as fará desaparecer do mundo, para nossa fama. ((Discurso pronunciado na Faculdade de Medicina. “Jornal do Comércio, 04/08/1916”. (Arquivo Pessoal de Afrânio Peixoto, ABL.)

Como era de se esperar, o discurso de Afrânio agitou os meios científicos do Rio de Janeiro e provocou as mais diversas reações. “Houve até professores que se retiraram da sala, em meio ao discurso, em sinal de protesto” (Ribeiro, 1950, p. 64). Vários foram os artigos de jornais publicados em resposta às opiniões do novo médico de higiene. De diferentes lugares do Brasil, as repercussões das palavras de Afrânio mobilizaram a classe médica na defesa de suas práticas. Um dos mais contundentes opositores de Afrânio foi Aloysio de Castro que publicou um longo artigo onde combateu, com uma ponta de cinismo, as palavras do higienista: “Ao fracasso da medicina porventura oporia a salvação da higiene? Suprimindo as infecções, de futuro se extinguiria a patologia de vários aparelhos orgânicos? (...) veremos a higiene assegurar afinal o milagre da imortalidade do corpo?” (Castro, 1916, p.40). Afrânio continuou fiel as suas ideias. Suas aulas mais polêmicas foram publicadas em 1918 com o título “*Noções de Higiene*” possuindo mais de 20 mil cópias impressas em sete edições. (Ribeiro, 1950, p. 420).

Dentre as distintas entradas de Afrânio Peixoto nas importantes instituições de seu tempo, poderíamos apontar a carreira literária como aquela que mais lhe rendeu críticas e elogios.

Já no início dos anos 10, Afrânio era um nome consagrado na área de medicina legal. Mas parecia pouco para quem almejava a consagração. Portanto, era necessário acionar novas estratégias para atingir tais objetivos. Foi o que sucedeu na campanha organizada por ele para a Academia Brasileira de Letras. Ser médico e literato era a questão. (MAIO, 1994, p. 77).

A entrada de Afrânio Peixoto para a Academia Brasileira de Letras, em 1911 foi o ponto inicial de uma vasta carreira literária. Quando da eleição do médico para o grupo de intelectuais da Casa de Machado de Assis, ele não possuía nenhuma obra de valor literário propriamente dito. Foi após a confirmação de sua eleição que Afrânio se debruçou na escrita d'*A Esfinge* (1911). Devido a todo o contexto de escritura e publicação da obra, o livro alcançou considerável sucesso de público e de crítica. O romance, inserido no contexto da *Belle Époque*, versava sobre a sociedade carioca do início do século XX. Descrevia os salões, os acordos políticos e os novos personagens da recém-formada república e, principalmente, os hábitos e costumes do pequeno grupo que constituía a elite da capital brasileira.

A entrada de Afrânio no seio da literatura não se deu sem protestos. “Sucedem que todas essas mudanças nos juízos pelos quais os letrados do período firmavam os seus critérios de reconhecimento intelectual não se deram sem resistência, mútuas acusações, inúmeros debates, posicionamentos incongruentes e grandes hesitações” (Sá, 2006, p. 14). O médico higienista desenvolveu uma longa lista de artigos publicados nas revistas de maior relevância na época, tais como *Revista do Brasil*, *Boletim de Ariel*, *Careta*, *Ciências e Letras*, *A Época*, sendo que, grande parte deles, justificavam ou esclareciam críticas e debates que haviam surgido quando da publicação de uma das suas obras literárias. As opiniões eram divergentes e vinham dos mais heterogêneos círculos sociais. Segundo João Ribeiro “foi a partir do romance que Afrânio Peixoto fez o primeiro contato com o grande público” (Ribeiro, 1916, p. 51).

Despertando as mais diversas opiniões, importa ressaltar que a escritura, as ideias, opiniões e participações de Afrânio não passaram despercebidas. Sua prosa, poesia, romance, ensaios, artigos científicos eram lidos, debatidos, respondidos em um momento de efervescência cultural e, principalmente num instante de estruturação de identidades e domínios de saber. Considerando que trata-se de um período de “convicção na transformação social pela difusão e aplicação das ideias, tornando oportuna a proposição de caminhos em direção à civilização” (Sá, 2006, p. 33) as indicações lançadas por esse importante membro do corpo intelectual do período merecem uma análise mais aprofundada. Para além do circuito Rio-São Paulo, centros de maior irradiação cultural, a obra de Afrânio era debatida em diversos pontos do Brasil: “A mim, me parece que o engenho literário do intellectual bahiano é pobre. Seus romances são, a bem dizer, repetições uns dos outros” (Gomes, 1926). Em outros debates, a literatura de Peixoto foi considerada um diferencial para a escrita literária do momento. Para Renato Almeida, em artigo publicado na importante Revista do Brasil:

Os typos do sr Afrânio Peixoto são filhos do seu tempo e do seu meio, aos quaes não são alheios como um Quincas Borba ou um Braz Cubas (...) o sr Afrânio porém faz viver seos personagens para a terra que os criou, têm os hábitos e as maneiras em voga, os modismos e as opiniões dominantes (...) O Brasil do sr Afrânio não é o ‘el dorado’ de certos nativistas exagerados nem a terra desprezível de tantos pedantes insolentes, mas um grande paiz onde talvez sobrem os defeitos com cujas causas procura atinar fazendo psychologia do povo (ALMEIDA, Renato. Revista do Brasil, 1916, p. 110-120).

O fazer literário, para Afrânio, tinha inspirações específicas. Segundo ele “Romance, conto, crítica para mim são pretextos para pensamentos, observações, notações psicológicas. Se não curo as mazelas do gosto literário de meus contemporâneos, cuido da dispepsia literária dos meus leitores. Esse livro, se der um, será pois de bôa medicina. (Peixoto, 1918).

Embora pouco estudado pela historiografia, Afrânio Peixoto contribuiu de forma efetiva para a elaboração dos debates e, principalmente de uma obra significativa para pensarmos a formação do Brasil nas primeiras décadas do século XX. Para além dessa contribuição prática, a atuação de Afrânio revela a a função do intelectual e da ciência

na organização do país. As relações desenvolvidas por Peixoto motivou-o a participar de um amplo debate sobre a construção de diagnósticos e alternativas para a superação dos problemas nacionais. Deste modo, articulando uma certa militância nacionalista, sua atuação pública e seu diálogo com o pensamento social da época, os estudos de Afrânio tornam possível desvendar as relações entre ciência e política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

ALMEIDA, Renato. “Afrânio Peixoto: Romancista”. *Revista do Brasil*, no. 62, v. 16, 1921, p. 108-120.

GOMES, Raul. “Os Homens”. *Jornal O Dia*. Curityba. 14-09-1926- Recorte de Jornal. Arquivo Pessoal Afrânio Peixoto, ABL, pasta 3.

KOPKE, João. “Educação Moral e Cívica: A propósito de um Livro Didático”. *Revista do Brasil*. Vol. I, maio-agosto de 1916.

MAIO, Marcos Chor. “Afrânio Peixoto, notas sobre uma trajetória médica”. *Revista da SBPC*, no. 11, p. 75-81, 1994.

MOREIRA, Juliano. A luta contra as degenerações nervosas e mentais no Brasil (comunicação apresentada no Congresso Nacional dos Práticos). *Brasil Médico*, II : 225-226, 1922.

MOREIRA, Juliano e PEIXOTO, Afrânio. “Les maladies mentales dans le climats tropicaux”. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, II (1):222-241, 1906.

PEIXOTO, Afrânio. Discurso pronunciado na Faculdade de Medicina. “*Jornal do Comércio*, 04/08/1916”. Arquivo Pessoal de Afrânio Peixoto, Academia Brasileira de Letras..

_____. *Carta a Alfredo Pujol*, 31 de janeiro de 1918- Biblioteca Nacional- Sessão de Manuscritos.

RIBEIRO, João. “O fazer literário do Sr Afrânio”. *Revista do Brasil*, no. 25, Anno III, vol. VII, Janeiro de 1918, p. 249-295.



RIBEIRO, Leonídio. *Afrânio Peixoto*. Rio de Janeiro, Edições Condé.1950.

RODRIGUES, Raimundo Nina. “Os mestiços brasileiros”. *As coletividades anormais*. Organização, prefácio e notas de Artur Ramos, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939. p.195-205.

SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SOUZA Bandeira. *Jornal do Comércio*, 10.12. 191. Arquivo Pessoal Afrânio Peixoto, ABL.

WEGNER, Robert. “Ensaio Bibliográfico- Sertões Desvendados”. *Revista Scielo*. Vol. 43, no. 3, Rio de Janeiro, 2000.

¹ A partir de 1870, ideias que seriam importantes para a construção das teorias sobre a relação entre raça e alienação mental foram introduzidas no Brasil, tais como o positivismo, o evolucionismo social e o darwinismo (SKIDMORE,1998). Na área médica, formaram-se dois campos distintos de saberes institucionais: um desenvolvido e propagado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde a produção científica era voltada às doenças infecto-contagiosas (malária, febre amarela, cólera, sífilis), a seus tratamentos e a sua prevenção e outra na Bahia, onde os médicos concentravam-se especialmente na questão racial e no que consideravam ser os desdobramentos da constituição de um país mestiço - o

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

problema do negro no Brasil passava a ser uma questão científica, vista pelo ângulo do evolucionismo social e da teoria da degenerescência (SCHWARCZ, 1993).